

O ministro da Fazenda declarou há dias que jornais estrangeiros, como o *Wall Street Journal*, o *Financial Times* e o *Le Monde*, haviam noticiado com destaque o triunfo do Brasil nas negociações com o "Clube de Paris" e compreendido, melhor do que os jornais nacionais, o significado do acordo feito, sem a interferência do Fundo Monetário Internacional. Sendo o *Financial Times* leitura por assim dizer obrigatória de todos os empresários e banqueiros, talvez o sr. Dilson Funaro — e com ele o presidente da República — não esteja mais tão entusiasmado com a imprensa estrangeira após ter lido, naquele órgão, que os países integrantes do "Clube de Paris" continuam exercendo sobre o Brasil forte pressão no sentido de levar nosso governo a firmar um acordo *stand by* com o FMI. Servir-lhe-á de conforto, apenas, a leitura de um trecho do documento que o Vaticano acaba de publicar a respeito da dívida externa dos países do "Terceiro Mundo".

Ao comentar o referido acordo, que alguns órgãos da imprensa nacional, nitidamente influenciados pela autoridade governamental, trataram de enaltecer, a fim de gabar a força do nosso ministro da Fazenda (que teve de buscar socorro junto ao secretário do Tesouro norte-americano), procuramos fazer ver, sem subestimar a importância do compromisso firmado, que a vitória do Brasil não foi tão grande. Além de não ter obtido do "Clube de Paris" os

prazos que pleiteava para a amortização da dívida, foi somente para o ano de 1987 que nosso governo conseguiu o assentimento para a renegociação da dívida, limitada todavia ao principal (com exclusão dos juros), a vencer neste primeiro semestre do ano. O governo brasileiro terá de reatar as negociações em torno dos vencimentos do segundo semestre, ao passo que sua esperança era obter uma renegociação abrangendo os vencimentos de vários anos.

Talvez tenhamos sido demasiadamente otimistas ao imaginar que, após a assinatura desse acordo, o Brasil voltaria a ter acesso aos financiamentos das agências oficiais de crédito, que lhe interessam grandemente, em razão do *new money* que poderia angariar. O abalizado *Financial Times*, que o ministro Dilson Funaro apontou como exemplo, informa agora (e a informação é endossada por outras fontes) que os governos que compõem o "Clube de Paris" não querem reiniciar essas transações enquanto a renegociação dos vencimentos do próximo semestre não estiver concluída.

O sucesso dessa renegociação acha-se condicionado, porém, a vários requisitos. A fim de evitar que a economia brasileira se afunde ainda mais, o "Clube de Paris" concordou, como dizíamos, em renegociar os vencimentos do semestre em curso, mas deixou bastante claro que, quanto aos do próximo semestre,

continuará exigindo como condição a assinatura do acordo entre o Brasil e o FMI.

Ora, cantando vitória por haver concertado essa renegociação sem ter-se submetido à monitoria do FMI, o governo brasileiro começa a insinuar que não se dispõe a resolver a questão conforme o critério indicado pelo "Clube de Paris", que não abriu mão de suas exigências. Negando ao Brasil os financiamentos desejados, o "Clube" estaria, portanto, exercendo pressão no sentido de levar nosso governo a submeter-se às condições por ele indicadas.

Para o Brasil, entretanto, a obtenção de tais financiamentos importa bem mais do que conseguir a renegociação da dívida externa com o "Clube". Se não obtiver esses financiamentos para fechar seu balanço de pagamentos, o País arrisca-se a sofrer uma asfixia cambial que sustará o crescimento do PIB. Estas dificuldades explicariam a conduta da Cacex, que tem retardado todas as transações de compras no Exterior, chegando, segundo se diz, ao extremo de recusar licenças de importação para "operações Beflex", que constituem, todavia, objeto de contratos internacionais pelos quais o governo se compromete a autorizar importações diretamente vinculadas ao compromisso, assumido pelo beneficiário, de exportar.

De qualquer modo, é certo que as informações divulgadas pelo *Finan-*

*cial Times* exercem forte influência sobre as decisões dos banqueiros de todo o mundo ocidental. Se o diário londrino enfatizou, anteriormente, a vitória do Brasil na renegociação com o "Clube de Paris", agora está temperando sua primeira informação. Os financiamentos oficiais não serão obtidos com a facilidade que se supunha, e a monitoria do FMI segue sendo uma exigência de que, dada a angustiante situação de nosso país, apenas se abriu mão no tocante aos primeiros seis meses do exercício corrente.

Ora, nosso governo pleiteia dos bancos estrangeiros não só a renegociação da dívida, mas, também, novos recursos, destinados a completar um quadro em que a contribuição das agências oficiais é imprescindível. Esperamos apenas que os bancos estrangeiros consultem seus respectivos governos para inteirar-se de suas intenções no tocante aos financiamentos em favor do Brasil e que, embora a resposta do Reino Unido vá ser negativa, pelo menos a de países como os Estados Unidos, a República Federal da Alemanha, a França, o Japão e a Itália demonstre que as agências oficiais não esperam, para ajudar o Brasil, o acordo *stand by*.

Seja como for, o episódio em pauta mostra que não se deve cantar vitória antes da hora e que os jornais estrangeiros não correspondem a essa imagem de *lobby* brasileiro exaltado pelo ministro da Fazenda.